

MULHERES AGRICULTORAS: DINÂMICAS NO ASSENTAMENTO CHICO MENDES EM RONDA – POMBOS – PE**AGRICULTURAL WOMEN: DYNAMICS IN THE SETTLEMENT CHICO MENDES IN RONDA - POMBOS - PE**

SILVA, Janaina Nair da, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão, janainaarual@hotmail.com

SILVA, Tiago Edvaldo Santos, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão, tiagoedvaldo@hotmail.com

FREITAS, Rubenice Maria de, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão, rubynha1995@gmail.com

FERREIRA, Gizelia Barbosa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Vitória de Santo Antão, gizelia.ferreira@vitoria.ifpe.edu.br

Resumo

A invisibilidade do trabalho feminino no mundo rural é uma problemática que precisa ser refletida, visando destacar a importância da contribuição do papel das mulheres nesse espaço, sobretudo na luta pelo acesso à terra, como ocorre nos assentamentos rurais brasileiros. O estudo foi desenvolvido utilizando metodologias qualitativas, utilizando entrevistas, linhas do tempo, mapas, rodas de conversas e teve por objetivo conhecer as dinâmicas e a história das mulheres agricultoras no Assentamento Chico Mendes, na comunidade de Ronda no município de Pombos – Pernambuco. Durante o projeto, as agricultoras refletiram sobre suas ações desde a época do acampamento e chegaram à conclusão de que o assentamento só existe daquela forma, porque elas resistiram por cinco anos no acampamento, criando estratégias de sobrevivência frente à realidade encontrada. Partindo de suas histórias de vida, muitas delas repletas de violência, essas mulheres transformaram sua realidade tendo como base a Agroecologia não só para o manejo de seus agroecossistemas, mas principalmente para a organização das unidades de produção familiar em busca de um desenvolvimento rural sustentável e com equidade de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Agroecologia. Violência doméstica. Participação. Agricultura familiar.

Abstract

The invisibility of women's work in rural areas is a problem that needs to be considered in order to highlight the importance of the contribution and role of women in this field, especially in the struggle for access to land, as in rural settlements in Brazil. The study was developed using qualitative methodologies, including interviews, timelines, maps, conversation sessions, aiming at the knowledge of the dynamics and the history of the women farmers in the Chico Mendes Settlement, in the community of Ronda, in Pombos - Pernambuco. Throughout the project, the female farmers were led to reflect on their actions during the time they were part of the settlement, which made them conclude that the settlement only is the way it is because they resisted for five years in the camp, creating strategies of survival against the that reality. Based on their life histories, many of these full of violence, these women transformed their reality based on Agroecology not only for the management of their agroecosystems,

but mainly for the organization of family production units aiming sustainable rural development with gender equity.

Palavras-chave em língua estrangeira: Genre. Agroecology. Domestic violence. Participation. Family farming.

1 Introdução

Refletir sobre a invisibilidade do trabalho feminino no campo é de extrema importância para o desenvolvimento das sociedades rurais. Essa reflexão deve destacar a força do protagonismo das mulheres agricultoras nos diferentes espaços, na luta pelo acesso a terra, no cotidiano vivenciado nas unidades de produção familiar, trabalhando com a saúde, a educação e a alimentação de sua família, seja também no setor produtivo manejando a horta, arando a terra, semeando, colhendo, beneficiando e comercializando os produtos, bem como no trato com os animais e permeando essas ações a atuação nos espaços de tomada de decisão, como sindicatos, associações rurais, grupos de produção e/ou comercialização, programas e projetos de desenvolvimento rural.

Ao longo da história observa-se que o não reconhecimento do trabalho da mulher no âmbito rural é resultado das desigualdades nas relações sociais de gênero, dando destaque a divisão sexual do trabalho no campo. Nessa perspectiva, o espaço doméstico foi sempre remetido como sendo o lugar das mulheres, enquanto que o espaço da produção é o lugar dos homens. Para desconstruir essas relações, é urgente evidenciar a contribuição das mulheres agricultoras no meio rural, destacando que a sua função vai muito além do espaço doméstico, pois ao mesmo tempo em que desempenham suas atividades domésticas, também trabalham nos sistemas de produção de forma equivalente aos homens ou com maiores atribuições, ressaltando aqui o acúmulo de funções.

As lutas e reivindicações dos movimentos sociais de mulheres promoveram várias mudanças significativas em relação ao reconhecimento dos seus direitos, mas mesmo diante dos avanços, as desigualdades entre homens e mulheres permanecem estruturadas no meio rural, favorecendo ao homem o título de maior destaque. Comprovando assim a necessidade da efetivação da igualdade de gênero em todos os espaços de atuação das mulheres.

Esses espaços devem ser construídos e fortalecidos por elas, mas também necessitam de apoio institucional através da elaboração de políticas públicas voltadas

para o fortalecimento dos direitos sociais, econômicos, culturais e políticos das mulheres rurais, permitindo dessa forma a valorização e o fortalecimento do protagonismo das mulheres agricultoras no âmbito da agricultura familiar.

O Assentamento Chico Mendes situado na comunidade de Ronda, município de Pombos – Pernambuco foi criado a partir de uma desapropriação em 1998, após uma ocupação de mais de cinco anos, com as mulheres participando ativamente da luta pelo direito a terra. O assentamento possui 90 famílias residentes, ocupando uma área de 1.758 hectares, sendo 1.246 para atividades agropecuárias e 512 para preservação (BRASILEIRO, 2009).

A força dessas mulheres dentro do assentamento perpassa os diferentes espaços, desde o núcleo familiar, assumindo as atividades domésticas, até as funções do campo referente à produção, bem como em outros espaços públicos de tomada de decisão, como a associação, o sindicato e as feiras agroecológicas.

Durante o processo de ocupação e assentamento, foram discutidos diversos sistemas de produção a serem implementados na área, entre eles os sistemas de produção orgânica, fomentados também em virtude das condições edafoclimáticas, já sendo desenvolvidos por algumas famílias que ressaltavam que os sistemas de base ecológica eram uma das potencialidades do assentamento (BRASILEIRO, 2009).

É nesse contexto histórico do assentamento, de luta e muito trabalho, que as mulheres atuam como protagonistas. Diante disso, o presente trabalho teve por objetivo conhecer as dinâmicas e a história das mulheres agricultoras do Assentamento Chico Mendes, na comunidade de Ronda no município de Pombos – PE.

2 Fundamentação Teórica

A invisibilidade do trabalho feminino no mundo rural é uma problemática que precisa ser refletida, visando destacar a importância da contribuição do papel das mulheres nesse espaço, sobretudo na luta pelo acesso à terra, como ocorre nos assentamentos rurais e/ou em qualquer área que a luta feminina permeie a questão agrária no país, seja na luta pela demarcação das terras indígenas, quilombolas, fundos de pasto e outras referentes as comunidades tradicionais do Brasil.

A literatura enfatiza que os assentamentos rurais são produtos de conflitos em torno da posse da terra, resultado das pressões dos/as trabalhadores/as e de suas organizações pelo direito ao seu uso pleno. Diante desse aspecto, ressalta-se que, por muitas vezes a dimensão conflitiva na formação dos assentamentos acaba silenciando as perspectivas de alguns de seus protagonistas, também engajados nas lutas, sendo silenciadas principalmente as mulheres que na maioria das vezes são colocadas em evidência apenas quando ganham papel de destaque como lideranças (LOPES; ZARZAR, 2008).

O destaque dado deve envolver todos os aspectos produtivos e reprodutivos, desconstruindo a invisibilidade do trabalho da mulher na agricultura e ressaltando a importância das suas atividades no conjunto de elementos e ações que compõem o sistema de produção. Um dos caminhos encontrados para dar essa visibilidade tem passado principalmente na construção de projetos que tenham base na Agroecologia buscando intervenções que promovam mudanças das relações de gênero no campo através de ações que incluam, fortaleçam e enalteçam o trabalho das mulheres camponesas.

Essas atividades são importantes em diversos aspectos, contribuem para a segurança alimentar e nutricional em diferentes escalas (local, territorial e global), possibilitam a inclusão produtiva e a geração de renda, complementando ou sendo a principal renda da família e tem contribuído com a construção de estratégias de conservação da biodiversidade. Assim sendo, os/as técnicos/as participantes nesses projetos devem ter uma postura diferente, passando não só a ouvir as mulheres, dando atenção às suas demandas e preocupações, mas principalmente reconhecendo-as como elementos importantes nas lutas sociais e conseqüentemente no desenvolvimento rural sustentável (PACHECO, 1997).

Esta característica do não reconhecimento, segundo Melo (2003) é algo internalizado não só pelas próprias mulheres, mas pela própria família perpassando também por outros espaços do campo, como sindicatos dos/as trabalhadores/as e associações rurais, bem como pelos programas e projetos de desenvolvimento rural.

Nesta perspectiva, Melo (2003, p. 13-14) também afirma que o não reconhecimento das atividades realizadas pelas agricultoras familiares “é resultado das desigualdades nas relações sociais de gênero, no que diz respeito à divisão social

do trabalho, determinando que o espaço doméstico seja ‘lugar de mulheres’ e que o espaço da produção é ‘lugar de homens’”.

Jalil (2013) corrobora destacando que, para as mulheres rurais

[...] a principal reivindicação, a que se tornaria o eixo articulador das suas demandas, foi a do reconhecimento do estatuto profissional de trabalhadora e, como consequência, o pleno reconhecimento dos seus direitos trabalhistas e previdenciários, até então apenas garantidos para as trabalhadoras urbanas.

Houve um reconhecimento das reivindicações dos movimentos sociais de mulheres, mas apesar das grandes conquistas no século XX e XXI, as desigualdades entre homens e mulheres se perpetuam no meio rural de forma naturalizada e estruturada, mantendo assim as relações de poder construídas pelo sistema patriarcal. Contudo, mesmo com uma história de lutas as mulheres trabalhadoras rurais ainda não foram suficientemente reconhecidas pelo Estado e pela sociedade como agricultoras familiares e assentadas pela reforma agrária (LOPES; ZARZAR, 2008).

Para Andersson (2015, p. 21) as mulheres foram e ainda continuam sendo, “significativamente excluídas dos espaços de participação e decisão”, partindo historicamente de uma conceito de trabalho que previa uma divisão social baseada no sexo, daí a construção do termo divisão sexual do trabalho. Dessa forma, o trabalho deveria se organizar com papéis pré-designados, as mulheres com os trabalhos domésticos/reprodutivos, invisíveis a sociedade por não gerarem recursos monetários diretos e aos homens o papel público/produtivo, visível socialmente, gerando renda monetária (HIRATA; KERGOAT, 2007)

Segundo Siliprandi (2015, p. 105) a década de 90 e o ano 2000 foram extremamente relevantes para a luta das agricultoras, pois nesse momento as lutas e experiências das mulheres agricultoras ganharam visibilidade na sociedade brasileira, principalmente àquelas relacionadas ao movimento agroecológico, fato esse confirmado por pesquisas posteriores, que ressaltavam que a Agroecologia era a ciência que criava espaços para atuação mais ampla dessas mulheres.

Nesse contexto, a Agroecologia surge como uma ciência multidisciplinar que busca analisar e atuar sobre os agroecossistemas, de forma a permitir a implantação de estilos de agricultura com maior nível de sustentabilidade, dessa forma “apoia a transição dos atuais modelos de agricultura e de desenvolvimento rural, considerados

insustentáveis para outros sustentáveis” (SILIPRANDI, 2015, p. 81), gerando uma ruptura no paradigma atual da agricultura e construindo novos caminhos para a agricultura brasileira, incluindo fortemente a discussão de gênero nesses caminhos.

Siliprandi (2015, p. 91-92) afirma que “a Agroecologia busca recuperar o papel do campesinato na história”, ressaltando que “o modo de vida camponês é o mais adequado para a produção sustentável, por ser o único capaz de reproduzir, o mais fielmente possível, os ecossistemas naturais”.

Nesta perspectiva, a Agroecologia apresenta papel importante para um desenvolvimento rural equilibrado, contribuindo com a sustentabilidade dos agroecossistemas e identificando no campesinato o modo de vida com maior viabilidade para se obter uma produção agrícola mais sustentável em relação aos modelos insustentáveis que tem ocasionado sérios desequilíbrios ao ambiente e a sociedade. Afirmando ser imprescindível a participação ativa das mulheres nesses espaços, contribuindo como protagonistas no processo de construção de dinâmicas sociais, econômicas, ambientais, cultural e éticas que envolvem a promoção da sustentabilidade.

3 Metodologia/ Materiais e Métodos

O estudo foi desenvolvido no Assentamento Chico Mendes em Ronda, localizado no município de Pombos, Microrregião de Vitória de Santo Antão, Zona da Mata do estado de Pernambuco. Essa região tem como principal característica os quase 500 anos de monocultivo da cana de açúcar ocupando uma extensão territorial de 8.432,40 km². É caracterizada pelo clima As' segundo a classificação de Köppen (quente e úmido com chuvas de outono-inverno).

O trabalho foi desenvolvido com quatro famílias assentadas de reforma agrária que trabalham com o sistema de produção de alimentos orgânicos baseados em princípios agroecológicos, mas ainda em transição.

A metodologia utilizada foi qualitativa, utilizando metodologias participativas baseadas no Diagnóstico Rural Participativo – DRP (VERDEJO, 2006), objetivando construir conhecimentos de forma coletiva, estabelecendo-se um processo de diálogo e confiança com as famílias participantes. A coleta de dados sobre a área de estudo foi realizada também através de pesquisas bibliográficas.

Inicialmente foram realizadas visitas em cada propriedade visando conhecer as unidades de produção familiar, seus agroecossistemas, as dinâmicas familiares e compreender qual o papel das mulheres nesse espaço.

Para caracterizar e analisar as unidades de produção foi utilizado ferramentas do DRP, entre elas a observação participante, que permitiu ao sujeito/pesquisadora junto às famílias, observarem a realidade da propriedade diante dos aspectos ambientais, sociais e econômico. A entrevista semiestruturada foi uma das técnicas utilizadas e permitiu a construção de um diálogo aberto com as famílias e assim discutir a participação das mulheres nos diversos espaços onde atuam, seja no âmbito interno ou externo a propriedade. Os dados foram apresentados conforme Gomes et al. (2017).

Dando continuidade com as metodologias participativas, também foi realizada uma roda de conversa na qual as mulheres de cada família foram convidadas a participar, a mesma ocorreu na sede da associação da comunidade. Além das quatro mulheres participantes da pesquisa, mais quatro mulheres do assentamento também se envolveram na roda de conversa, que teve como objetivo conhecer um pouco do histórico de vida de cada uma, tendo como elementos norteadores as informações obtidas a partir das visitas previamente realizadas nas unidades familiares.

A roda de conversa/roda de diálogo é uma técnica que permite promover um espaço de reflexão sobre diferentes temas, sendo também um espaço de construção de conhecimento e de sororidade (neologismo construído pelo movimento feminista para designar solidariedade, união, partilha, igualdade e confiança entre as mulheres). Para Afonso e Abade (2008, p. 19): “É uma proposta dialógica que visa relacionar cultura e subjetividade”.

Para Moura e Lima (2014, p. 99):

A roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo.

O diálogo foi iniciado através de uma dinâmica de apresentação denominada linha do tempo buscando a trajetória de vida de cada uma desde o nascimento até o momento atual. Por meio desta, as mulheres puderam também relatar fatos de sua

vida que dizem respeito a sua trajetória dentro do assentamento, ligados a conquista e manutenção da terra.

4 Resultados e Discussão

4.1 Diagnóstico da Unidade de Produção Familiar (UPF)

Família 01 - Assentamento Chico Mendes em Ronda – Pombos – PE

a) Histórico e perfil da família

A família é composta pela agricultora de 29 anos, pelo agricultor de 33 anos e por dois filhos (uma menina de nove anos, fruto do primeiro relacionamento da mulher, e um menino de quatro meses). Ambos são filhos de agricultores familiares e naturais de Pombos. A mulher nasceu em Ronda (zona rural), mas aos quatro anos foi morar na cidade com os pais adotivos onde viveu toda sua infância, voltou para morar no assentamento após conhecer seu esposo, há três anos. Estudou até a sétima série do ensino fundamental, consegue ler e escrever.

O homem sempre residiu na área rural trabalhando na agricultura e reside no assentamento há dez anos, antes morava com seus pais em outra comunidade rural de Pombos. Estudou até a segunda série do ensino fundamental, mas não sabe ler e nem escrever, apenas assinar seu nome.

b) Unidade de produção e sistema de manejo

Foi através dos vizinhos que a família tomou conhecimento acerca do cultivo orgânico e decidiram adotar a experiência, faz nove anos que trabalham com orgânicos. Segundo o agricultor, os vizinhos incentivavam a transição do sistema produtivo da seguinte forma:

“Rapai passa pá questão do orgânico porque a renda vai ser melhor, que o convencional você vai gastar mais, vai ter mais despesa, vai maltratar mais o solo, com a questão de adubo e de veneno. Faça a experiência.”

Logo, tornaram-se sócios da associação e posteriormente conseguiram comercializar seus produtos na feira em espaços agroecológicos. A parcela onde a família reside possui oito hectares, sendo cinco de mata nativa preservada.

Produzem diversos produtos como cenoura, couve, beterraba, cebola, coentro, cebolinha, acelga, alface, banana, coco, jambo, abacate e macaxeira. Também criam bovinos para comercialização e galinhas para o consumo da família.

c) Renda, dificuldades e mão de obra

A renda familiar é toda obtida da agricultura através dos produtos comercializados na feira. Uma das principais dificuldades enfrentadas na produção está relacionada à falta de equipamentos como um sistema de irrigação e um tratorito/motocultivador, entre outros equipamentos que facilitariam o trabalho da família.

d) Acesso a políticas de crédito e assistência técnica

A família nunca acessou nenhuma linha de crédito, em função de ter receio de não dar certo e ficar com restrições no nome. Atualmente não está recebendo nenhuma assistência técnica, mas já recebeu mensalmente através do Serviço de Tecnologia Alternativa - SERTA (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – Oscip) mensalmente.

e) Atividades domésticas

As atividades domésticas ficam sobre responsabilidade da mulher, mas segundo a mesma o homem contribui sempre que necessário. Além de trabalhar nos serviços da casa, também trabalha na produção no preparo do solo, plantio, capina, colheita e comercialização, com exceção das atividades mais pesadas, a exemplo do transporte de esterco. Ambos participam das reuniões da associação onde são tomadas as decisões em relação à produção e comercialização de orgânicos nas feiras em espaços agroecológicos.

Família 02- Assentamento Chico Mendes em Ronda – Pombos – PE

a) Histórico e perfil da família

A família é composta pela agricultora de 29 anos, pelo agricultor de 36 anos e por dois filhos (uma menina de 11 anos e um menino de 08 anos, frutos do primeiro

relacionamento da mulher). Ambos são filhos de agricultores familiares, sendo a mulher natural de Alagoas – PB e residente no assentamento há mais de 10 anos. Estudou por oito anos apenas a primeira série do ensino fundamental, por falta de interesse não continuou, não sabe ler e nem escrever.

O homem é natural de Amaraji – PE, onde trabalhava ainda criança em uma usina no corte da cana-de-açúcar, segundo ele foi por “interesse próprio em função da necessidade financeira” e reside no assentamento há mais de 20 anos. Estudou até a quarta série do ensino fundamental, sabe ler e escrever. No assentamento a família reside e trabalha na área comunitária.

b) Unidade de produção e sistema de manejo

Foi através dos vizinhos que conheceram o cultivo orgânico e ao aderirem a essa prática tornaram-se sócios da associação do assentamento iniciando a comercialização dos seus produtos nas feiras em espaços agroecológicos. A família produz cenoura, cebolinha, alho poro, couve, rabanete rúcula, tomate cajá, quiabo, alface, coentro, pimenta, batata, feijão, maracujá, banana e ervas medicinal. Criam uma vaca com bezerros e galinhas para comercialização dos ovos.

c) Renda, dificuldades e mão de obra

A renda familiar provém apenas da agricultura através da comercialização dos produtos na feira. As principais limitações citadas pela família estão relacionadas a baixa condição financeira para investir na aquisição de adubo orgânico e sementes para ampliar a produção. A mão de obra empregada na produção é toda familiar.

d) Acesso a políticas de crédito e assistência técnica

A família tentou acessar o Pronaf para investir na criação animal, porém não obteve sucesso em função do agricultor está com restrição em seu nome, mas continuam com essa perspectiva. Atualmente não recebem nem uma assistência técnica, mas antes recebiam um assessor técnico do SERTA mensalmente.

e) Atividades domésticas

As atividades domésticas ficam sob responsabilidade da mulher. O homem também contribui varrendo a casa e o terreiro, lavando a louça e cozinhando, mas sua

participação não é contínua, contribuindo “sempre que necessário”. A mulher também trabalha na produção no preparo do solo, plantio, capina, colheita e comercialização, não indo a campo todos os dias, pois fica mais responsável pelas atividades domésticas. Também participa das reuniões da associação com o esposo, onde decidem sobre os sistemas de produção e comercialização nas feiras agroecológicas da região metropolitana de Recife-PE.

Família 03 - Assentamento Chico Mendes em Ronda – Pombos – PE

a) Histórico e perfil da família

A família é formada pela agricultora de 60 anos e pelo agricultor de 38 anos. Residem no assentamento há mais de 20 anos. Ambos são filhos de agricultores familiares e naturais de Amaraji – PE, onde começaram sua atuação nos movimentos sociais quando participaram de um acampamento ocupando as terras de uma Usina. Nessas mesmas terras, a agricultora contou que morou e trabalhou com seus pais no corte da cana-de-açúcar.

b) Unidade de produção e sistema de manejo

A família tomou conhecimento do cultivo orgânico a partir dos vizinhos, assim tornaram-se sócios da associação do assentamento, posteriormente começaram a comercializar seus produtos nas feiras em espaços agroecológicos. Já faz 15 anos que trabalham com a produção de orgânicos.

A parcela onde residem possui 7,5 hectares, sendo quatro hectares preservados com mata nativa. Produz banana, batata, macaxeira, feijão, fava, coentro, cebolinha, cebolão, alface, alho poro, cenoura, rabanete, rúcula, pimenta, brócolis, couve flor, repolho, tomate cereja e tomate miúdo, couve manteiga e berinjela. Algumas frutas como coco, maracujá, manga, abacaxi, pitanga, sapoti, jabuticaba, jaca, acerola, abacate, jambo, mamão, laranja, graviola. Flores ornamentais “Graudilha”, Margarida, Haste, Saudade amarela e branca, Benedita, Perpetua roxa, Rosas e Hortência. Cria uma vaca e um bezerro, galinhas de granja e de capoeira.

c) Renda, dificuldades e mão de obra

A renda familiar provém dos benefícios da pensão que a agricultora possui como viúva e da aposentadoria como agricultora e da comercialização dos produtos na feira. A família ressalta dificuldades com a falta de equipamentos que auxiliem na produção, ressaltando que a mão de obra é toda familiar.

d) Acesso a políticas de crédito e assistência técnica

A agricultora, com seu esposo, acessam a uma linha de crédito do Pronaf e salientam que gostaram da experiência, inclusive já realizaram vários financiamentos, o último foi feito para a compra de mil mudas de laranjeiras. Também recebiam assistência técnica do SERTA mensalmente, mas atualmente estão recebendo assistência de dois jovens, que também residem no assentamento, formados recentemente no curso Técnico em Agroecologia pelo SERTA.

e) Atividades domésticas

As atividades domésticas são de responsabilidade da mulher, mas o esposo também contribui varrendo a casa, varrendo o terreiro, lavando a louça, lavando roupa e cozinhando, porém essa contribuição do homem não é rotineira e sim quando necessário, por exemplo, quando a mulher se encontra doente ou quando está sobrecarregada com muitas atividades. Além das atividades domésticas a mulher também trabalha na produção desde o preparo do solo, capina, plantio, colheita até a comercialização e também frequenta as reuniões da associação tomando decisões sobre a produção de orgânicos e a comercialização nas feiras em espaços agroecológicos.

Família 04 - Assentamento Chico Mendes em Ronda – Pombos – PE

a) Histórico e perfil da família

A família é formada pela agricultora de 46 anos, pelo agricultor de 61 anos (atual presidente da Associação dos Assentados/as) e por uma filha de 21 anos (do primeiro relacionamento do homem). Ambos são filhos de agricultores familiares. A mulher é natural da cidade de Panelas – PE e reside no assentamento há mais de três anos. Estudou até a terceira série do ensino fundamental, mas não sabe ler e nem escrever. O homem é natural de Pombos – PE e reside no assentamento há mais

de 14 anos, antes morava em outra comunidade rural. Estudou até a terceira série do ensino fundamental, sabe ler e escrever razoavelmente.

b) Unidade de produção e sistema de manejo

Iniciou o cultivo orgânico por influência do presidente da associação do assentamento, associando-se e logo começou a comercializar seus produtos na feira. A parcela possui 6,3 hectares, parte dessa área é de mata nativa preservada. Produz milho, batata, macaxeira, cará, cebolinha, concentrado, alface, tomate cajá, beterraba, feijão macarrão, feijão guandu, caju, graviola, limão, laranja, manga, banana, acerola, jambo e cria galinhas.

c) Renda, dificuldades e mão de obra

A renda familiar provém do benefício da aposentadoria como agricultor e das atividades agropecuárias, através da comercialização dos produtos na feira. Diante das dificuldades enfrentadas para trabalhar na agricultura, relataram que necessitam de políticas públicas que contribuam com o desenvolvimento de sua propriedade e projetos que possibilitem a associação contribuir no desenvolvimento do assentamento e das famílias associadas. Como exemplos citaram a necessidade de aquisição de equipamentos como sistemas de irrigação e tratorito/motocultivador, que contribuiriam para auxiliar a mão de obra das famílias na produção. A mão de obra da propriedade é toda familiar.

d) Acesso a políticas de crédito e assistência técnica

O agricultor relatou que já acessou uma linha do Pronaf pelo INCRA, mas que as oportunidades são poucas e que o processo para acessar o crédito é muito burocrático, em função disso ficam limitados a acessarem novamente. A agricultora relatou que está com um processo em andamento pelo INCRA para acessar o crédito do Fomento Mulher, o qual é destinado apenas para as mulheres de assentamentos. Atualmente não estão recebendo assistência técnica, mas antes recebiam do SERTA mensalmente.

e) Atividades domésticas

As atividades domésticas ficam sob responsabilidade das mulheres, o agricultor contribui apenas na reposição de água nos reservatórios da residência. As mulheres também trabalham nas atividades em campo preparando a terra, capinando, irrigando, colhendo e comercializando. A agricultora também frequenta as reuniões da associação onde participa das tomadas de decisões sobre a produção de orgânicos e a comercialização desses produtos nas feiras agroecológicas.

As unidades de produção familiar do Assentamento Chico Mendes do Sítio Ronda em Pombos que participaram desse estudo apresentam características semelhantes. Os agroecossistemas são manejados a partir dos fundamentos da agricultura orgânica, baseados em alguns princípios da Agroecologia, caracterizados por policultivos, com destaque para as hortaliças, fruticultura, criação animal para a segurança alimentar da família e mata nativas preservadas. A decisão para a conversão foi tomada a partir do estímulo dos vizinhos/sócios que já trabalhavam com o sistema orgânico. Além da produção, as famílias começaram a comercializar seus produtos nas feiras de orgânicos da região metropolitana de Recife.

A principal fonte de renda das famílias 01 e 02 provêm da agricultura, enquanto que a principal fonte de renda das famílias 03 e 04 provêm dos benefícios que os/as agricultores/as possuem sendo complementada com a comercialização dos produtos da agricultura. As dificuldades enfrentadas pelas famílias referem-se à falta de condições financeiras para investir na aquisição de equipamentos que dariam um maior suporte a produção, como sistemas de irrigação, tratorito/motocultivador, sementes e adubos orgânicos. Tais insumos contribuiriam para o aumento da produtividade e na estabilidade do sistema auxiliando na mão de obra, a qual é toda familiar em todas as unidades de produção.

As linhas de crédito rural fornecidas pelo PRONAF são acessadas por duas famílias, a família 03 e a família 04. A família 01 nunca acessou, pois tem receio de não ser bem sucedida no investimento e ficar com restrições no nome. A família 02 tentou acessar, mas não obteve sucesso, em funções do agricultor estar com restrições em seu nome.

Em relação à assistência técnica e extensão rural as famílias relataram que antes recebiam a assessoria do SERTA mensalmente, durante dois anos, mas em função do término do projeto que financiava esse trabalho nas comunidades, não foi possível a instituição continuar assessorando as famílias do assentamento.

Atualmente, somente a família 03 está recebendo assistência de dois jovens, que também residem no assentamento (um técnico e uma técnica), os quais são recém formados no curso Técnico de Agroecologia pelo SERTA.

As atividades domésticas em todas as famílias ficam sob responsabilidade das mulheres, assim além delas assumirem os serviços domésticos, também trabalham na produção com os homens, desempenhando as atividades de preparo do solo, capina, plantio, colheita e comercialização e também frequentam as reuniões da associação. Os homens também contribuem com os serviços domésticos, mas não são uma atividade desempenhada todos os dias, segundo elas, contribuem sempre que necessário (uma delas citou em caso de doença, por exemplo).

4.2 Roda de conversa/diálogo com as Mulheres

A roda de conversa ocorreu na sede da associação do assentamento, onde foi possível reunir todas as mulheres das unidades de produção familiar participantes do trabalho e mais quatro mulheres de outras propriedades do assentamento que se mostraram interessadas na discussão. A técnica possibilitou conhecer um pouco do histórico de vida de cada uma, compreendendo dessa forma seu papel dentro das unidades de produção, bem como dentro do assentamento.

O diálogo ocorreu de forma descontraída, com algumas das mulheres se expressando de forma mais desinibida ao se apresentar, outras mais tímidas, de poucas palavras, mas que em meio à espontaneidade das demais relataram suas histórias com desenvoltura.

Através dos relatos expostos por cada uma, observa-se que as histórias de vida são semelhantes no que diz respeito aos seus relacionamentos amorosos, na tentativa de constituir uma família e serem felizes.

Na nossa sociedade patriarcal e machista ainda é muito forte a concepção de que a única forma de realização das mulheres é através do casamento e da maternidade. Não sendo diferente na realidade estudada, na qual a maior parte das agricultoras relatou que casaram cedo, mas não tiveram êxito no primeiro casamento, todos permeados pela violência doméstica, com exceção das agricultoras 07 e 08 que mantêm o primeiro casamento e afirmam serem felizes em seu relacionamento. Ao contrário da agricultora 03, que afirma ter encontrado a felicidade em seu terceiro

relacionamento. Vale ressaltar, que alguns relacionamentos duraram mais de 20 anos e só terminaram porque os maridos faleceram.

Além da violência sofrida no casamento, as agricultoras 04 e 06 também tiveram suas vidas marcadas pelas violências sofridas ainda quando crianças com suas famílias. Para a agricultora 04, o sofrimento teve como causa o alcoolismo de seu pai e para a agricultora 06, o sofrimento também foi causado pelo pai em função do duplo relacionamento com sua mãe e sua tia, o que lhe trouxe vários transtornos familiares.

Nesta perspectiva, compreende-se que a história de luta dessas mulheres, antes da conquista pela terra, é pautada pela conquista da vida através da luta contra a violência. Pois diante da violência doméstica, representado por elas como “desilusões amorosas”, tiveram que recomeçar várias vezes, até chegar a estabilidade que têm hoje.

A violência doméstica seja pelos parentes próximos ou esposos foi minimizada em muitas falas, restringindo a questão a uma “desilusão amorosa”, “infelicidade” e outras percepções que naturalizam essas violências partindo de uma relação de poder construída pelo patriarcalismo, aonde os homens acreditam ter a posse das mulheres, de seus corpos e de suas mentes, e dessa forma podem cometer todos os atos criminosos que quiserem contra a sua vida.

Pasinato (2015, p. 413) ressalta que:

Tratando da violência contra as mulheres, esses processos tornam-se ainda mais complexos pelos fatores históricos e culturais que consideram a violência assunto privado, naturalizam suas práticas e responsabilizam as mulheres tanto pelas causas da violência quanto pelas consequências de sua denúncia.

O acesso a direitos básicos, como terra, moradia e alimento foram os pilares para a construção de novas histórias, construindo espaços de empoderamento e de liberdade que as levou a vida que têm hoje.

Através da roda de conversa percebeu-se que, antes da conquista pela terra, a história de vida delas está pautada pela conquista da vida. São mulheres guerreiras que não desistiram de constituir suas famílias em meio às agressões e desilusões vivenciadas. A luta pela terra e a agricultura orgânica foram os caminhos que construíram e consolidaram a situação que se encontram agora, com alimentos para o consumo, garantindo a segurança alimentar e nutricional da família e a geração de

renda através da comercialização dos produtos em feiras agroecológicas, produzindo a autonomia e a liberdade para tomada de decisão sonho, esse tão presente nos relatos de vida de cada uma.

A luta pela vida continua em outras frentes, mas essas mulheres se reconheceram umas nas outras durante o processo de diálogo e perceberam que são a base para o desenvolvimento tanto na constituição e manutenção de suas famílias, quanto na luta pelo acesso à terra, a moradia, a educação e a todos os direitos necessários para o bem viver. O assentamento através das suas dinâmicas lhes possibilitou o acesso aos meios de produção para a reprodução de um modo de vida único, construído por elas, como protagonistas.

5 Considerações Finais

As mulheres têm papel importante nas unidades de produção do Assentamento Chico Mendes, desde a sua formação até a atuação na realização das atividades domésticas, nas atividades do campo (dentro e fora da propriedade) e nos espaços de tomada de decisão, com destaque para as reuniões da associação de agricultores/as orgânicos do assentamento.

Diante dos relatos apresentados pelas mulheres, tanto durante as visitas nas unidades de produção, quanto no espaço da roda de diálogo, observou-se que as mulheres não percebiam de forma sistemática a grandiosidade de seu papel tanto no espaço produtivo quanto reprodutivo, pois ainda se colocavam como ajudantes do homem e não percebiam sua importância dentro do assentamento nas tomadas de decisão.

No diálogo, refletiram sobre suas ações desde a época do acampamento e chegaram à conclusão de que o assentamento só existe daquela forma, porque elas resistiram por cinco anos no acampamento, criando estratégias de sobrevivência frente à realidade encontrada. Essa persistência, característica intrínseca a todas elas, garantiu não só o acesso à terra, mas principalmente, o acesso a vida, mostrando a necessidade de continuidade do debate.

Referências

AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (Recimam), 2008.

ALTIERI, Miguel Angel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. Editorial Nordan-Comunidad, 1999. Montevideu. 338 p.

ANDERSSON, Fabiana da Silva. **Processos de empoderamento e Agroecologia: valorizando o trabalho das mulheres rurais?**. 2015. 199p. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015.

BRASILEIRO, Robson Soares. Possibilidade do uso de alguns conceitos de tipos funcionais de plantas na agroecologia: o caso do Assentamento Chico Mendes – Pombos – PE. **Revista PARAONDE!?**, PPGG-UFRGS, Porto Alegre, v. 3, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/22104/12863>> . Acesso em: 15 dez. 2017.

GOMES, João Carlos Costa; VERONA, Luiz Augusto Ferreira; SCHWENGBER, José Ernani; GOMES, Gustavo Crizel. Avaliação da sustentabilidade em agroecossistemas: formação conceitual e aplicação a uma realidade regional. **Extensão Rural**, DEAER - CCR - UFSM, Santa Maria, v. 24, n. 3, p. 63-81, 2017.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

JALIL, Laeticia Medeiros. **As flores e os frutos da luta o significado da organização e da participação política para as mulheres trabalhadoras rurais**. 2013. 207p. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013.

LOPES, Adriana L.; ZARZAR, Andrea Butto (Orgs). **Mulheres na reforma agrária a experiência recente no Brasil**. Brasília: MDA, 2008. 240 p. (Nead Debate: 14). Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/pageflip-4204232-74145-It_Mulheres_na_Reforma_A-1046705.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2017.

MELO, Lígia Albuquerque. **Relações de Gênero na Agricultura Familiar: o caso de do Pronaf em Afogados da Ingazeira – PE**. 2003. 215p. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. Reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan./jun. 2014.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. Sistemas de Produção: Uma perspectiva de gênero. **Revista Proposta**. Rio de Janeiro: FASE, v. 25, n. 71, p. 30-38. dez./fev.

1997. Disponível em: <<https://fase.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Proposta-Revista-Trimestral-de-Debate-da-Fase-n%C2%BA-71-1997-02.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

PASINATO, Wânia. Acesso à justiça e violência doméstica e familiar contra as mulheres: as percepções dos operadores jurídicos e os limites para a aplicação da Lei Maria da Penha. **Revista Direito GV**, v. 11, n. 2, p. 407-428, 2015.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia**: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

TAVARES, Márcia Santana. Roda de conversa entre mulheres: denúncias sobre a Lei Maria da Penha e descrença na justiça. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p. 547-559, mai./ago. 2015.

VERDEJO, Miguel Expósito. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Secretaria da Agricultura familiar. **Diagnóstico Rural Participativo**. Brasília, 2006.